

Os vínculos do Peji: corpos, curas e caboclos em uma religião de matriz africana do sertão Baiano¹

Gustavo Fialho (UFRJ/Rio de Janeiro)

Palavras-chave: Peji; caboclos; vínculos.

O sol começava a ganhar força quando cheguei pela primeira vez na casa de Dona Eleni. Ela estava no quartinho dos santos rezando² o *mau olhado* de uma antiga amiga e filha de santo, Maria. No salão ao lado – onde eu também a aguardava – outro senhor com os *olhos doentes* esperava sentado a sua vez e, ainda, uma mãe que buscava por uma primeira proteção para o bebê em seu colo, recém-nascido. Ali era possível ouvir a voz distante, mas alta e firme, de Dona Eleni, que de tão veloz era preciso certo esforço para compreender suas palavras. Assim, eu conheci, antes de tudo, a sua reza e a sua voz, enquanto ela mesma se ocultava no quartinho dos santos: “*Pelos poderes de São Cosme e São Damião...*”, esses santos que abriam e eram sucedidos por tantos outros santos e santas. Era uma reza longa, que parecia se repetir entre os atendimentos, mas nunca era igual. Só mais tarde soube que esses eram todos trabalhos leves, fáceis de fazer por quem herdara o *dom* e *cumpria seu destino*. Contudo, dada a quantidade de pessoas que aguardavam atendimento tão cedo, deixava-se entrever desde o primeiro momento a existência de uma importante rede terapêutica, ao menos do ponto de vista comunitário.

Todos que foram atendidos nessa ocasião eram moradores do distrito da Caatinga do Moura, no interior de Jacobina (BA), e tinham uma longa relação de parentesco ou amizade com a *curadora*. Além disso, o domínio terapêutico já se mostrava bem amplo, e não apenas porque eram tratados diversos tipos de problemas – desde o *mau olhado* até a doença física dos olhos. Tanto aquele senhor, já com a idade bem avançada, quanto o bebê recém-nascido indicavam uma espécie de círculo onde o cuidado, que começa desde o nascimento, só vai se encerrar no fim da vida. A relação entre a curadora e aqueles dos quais ela cuida, desde que funcione, é perene. Do mesmo modo, a relação estabelecida pelas pessoas entre o seu cuidado e a curadora não só costuma ser duradoura como muitas vezes se estabelece desde o nascimento. Nesse primeiro momento, penso

1 Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

2 Para evitar preencher demasiadamente o texto com as aspas, utilizo o recurso itálico somente para falas e expressões nativas. As aspas simples são utilizadas para dar ênfase às expressões e palavras, ou marcar um conceito, enquanto as aspas duplas são usadas para marcar o discurso direto, seja de autores ou de interlocutores

ser importante fazer notar a percepção de que quando as pessoas estão agenciando cuidados, curas e terapias elas estão decidindo e produzindo maneiras de se relacionar com seus corpos, com suas vidas e, no limite, com a morte. Portanto, para essas pessoas que se encontram com algum problema ou mesmo com alguma doença, esses percursos não são banais, são caminhos e escolhas importantes.

Como já adiantei, existem vários tipos de infortúnios que podem ser tratados por uma curadora experiente e, logo, existem diferentes formas de tratamento. Dona Eleni alcança certo reconhecimento regional quando se requer as *rezas* contra algum mal ou o *desmancho* contra os feitiços; e posso assegurar que não lhe faltava *clientes* nem sequer um dia: o mais comum era que se repetisse o tumulto e a fila de pessoas que encontrei na primeira vez em sua casa. Ela, então, divide seus trabalhos em dois conjuntos. Os *serviços leves* incluem, além das diferentes rezas, a fabricação de *remédios* e *chás* para diversas doenças, sendo o *remédio* mais procurado o composto para combater as sequelas do derrame, feito a partir de dezenas de materiais vegetais e animais, incluindo couro de jacaré, ovo de ema, etc. Os *serviços pesados* incluem os variados trabalhos de limpeza (que passam pelas velas ou pelo sangue animal) e os *desmanchos* contra *amarrações* e *feitiços*. A sua *força*, ela costumava dizer, garante o largo domínio e a eficácia das técnicas que ela dispunha. Mas se, por um lado, sua *força* é atribuída a seu *dom* e seu *destino*, por outro lado, ela é sustentada e ampliada por suas obrigações anuais, os Carurus, que geralmente são seguidos pelo toque de tambor. Nessas festas, conhecidas como *Pejis*³, reforça-se os vínculos com a comunidade e com suas próprias entidades – notadamente os *caboclos* –, e, além disso, funcionam também como momento privilegiado para a curadora *tirar o peso* de tantos trabalhos intensos do cotidiano terapêutico.

O universo do *Peji* se assenta, então, nessa articulação necessária entre a multiplicidade de trabalhos terapêuticos cotidianos e os pontuais toques de tambor para os *caboclos*, ao menos no caso da Caatinga do Moura, onde me deterei neste trabalho. Essa dinâmica que permite, ao mesmo tempo, separar e relacionar diversos tipos de *trabalhos* e *obrigações* constitui a própria experiência daqueles que participam diretamente desse mundo, não apenas das lideranças religiosas. Assim, eu conheci Maria quando Dona Eleni a rezava, como disse acima, e o que parecia um encontro fortuito revelou, com passar do tempo, a sua consistência. Maria é considerada a primeira filha de santo de Dona Eleni e essa relação deriva de uma antiga amizade familiar que se converteu em uma espécie de parceria. Fazem quase vinte anos, desde que deu sua primeira *matança* para os *caboclos*, que Maria é a principal ajudante de sua mãe de santo com suas obrigações mais exaustivas. Por ora, gostaria de destacar que a relação entre a mãe de santo e sua filha de santo é, obviamente, muito

3 O *Peji* pode ser compreendido como uma variação do candomblé de *caboclo* e, similarmente, como Gabriel Banaggia (2013: 151) definiu o *Jarê*, os *Pejis* são, em primeiro lugar, festas. Por essa razão, os praticantes nomeiam de *Peji* qualquer toque ou festa em particular, assim como o conjunto de práticas que envolve essa religião.

diferente da relação entre uma curadora e um cliente esporádico; contudo, a relação mãe/filha de santo não exclui, por exemplo, os cuidados promovidos pelas rezas, não à toa Maria recorria à reza de Dona Eleni para resolver o mau olhado. Nesse sentido, acredito que a relação mãe/filha de santo, no Peji, funciona por adição de cuidados e técnicas se comparada à relação curadora/cliente⁴. Trata-se sempre, portanto, de combinar e compor diferentes cuidados, de acordo com a ocasião e a necessidade das forças que acompanham um praticante. Desse modo, não se exclui a possibilidade de *rezar* uma filha de santo desde que seja o mais indicado no momento, assim como não se exclui recomendar a um cliente um trabalho que pode envolver uma oferenda aos caboclos.

Maria, além de ser prima do marido de Dona Eleni, tinha uma relação antiga de amizade com a família da curadora, especialmente com seu pai, o *finado Amanso*, que havia batizado um de seus filhos. Seu Amanso, por sua vez, “*tinha seus poderes*”, como me disseram várias vezes. Existe um tipo de consenso, nas redondezas de Jacobina, que gira em torno da *força* das rezas de Seu Amanso como um dos mais precisos e poderosos curadores que trabalhou por aquelas bandas, e há relatos de que sua fama chegava a atravessar a região (Brazeal 2004: 250). A sua história e o seu reconhecimento se confundem, em alguma medida, com a da Caatinga do Moura como um território de certa efervescência de curadores, feiticeiros e religiões de matriz africana, o que fez com que lhe atribuíssem o nome de *terra do feitiço*, “*para o bem e para o mal*”, brincam algumas pessoas. De fato, existem muitas histórias do *tempo de Seu Amanso* que rememoram a Caatinga do Moura com dezenas de curadores, Carurus e Pejjs, e os moradores mais velhos lembram saudosos dos meses de setembro “*quando cada rua tinha três, quatro Carurus e Pejjs*”. Com cerca de cinco mil habitantes, sendo grande parte trabalhadores rurais nas roças do entorno, o distrito hoje tem um ritmo mais discreto de curadores. Contudo, como já disse, ainda preserva certo reconhecimento na região, especialmente Dona Eleni.

Sem dúvidas, a notoriedade e a rede de atendimentos construída por Dona Eleni foi também herdada de seu pai, que no fim da vida passou a encaminhar para sua filha muitas pessoas que lhe procuravam para algum tratamento. Mas é preciso destacar que no domínio das técnicas os dois se diferenciam significativamente. Seu Amanso nunca quis e nunca precisou ter parte com os serviços mais pesados, que envolviam o sangue de animais, a iniciação de um filho de santo ou mesmo *bater tambor e abrir o terreiro* para um Peji. Dona Eleni, por outro lado, embora só quisesse *rezar uma dor de cabeça ou um mau olhado de criança*, não teve escolha, uma vez que suas entidades demandavam outras composições de forças, deixando como alternativa a loucura até o fim da vida. Tanto foi assim que Seu Amanso a levou para ser iniciada por mestre Aristeu, importante pai de santo e *pejizeiro* da Caatinga do Moura, quem guiou suas primeiras obrigações a fim de prepará-la

4 O termo usado pelos filhos de santo para sua mãe de santo é “madrinha” e parece reforçar essa ideia de uma relação de adição de cuidados, função que a madrinha ou o padrinho passa também a exercer sobre o afilhado.

para se tornar, além de uma curadora e rezadeira como seu pai, uma mãe de santo do Peji. Sendo assim, o próprio percurso de Dona Eleni, se comparado ao de seu pai, sinaliza novamente a dinâmica de adição de técnicas e domínio terapêutico do Peji, que gira em torno do dom, do destino, das vontades e do aprendizado que pertencem à história de cada liderança religiosa.

Dessa maneira, uma das principais atribuições que diferencia uma mãe de santo de seu trabalho como curadora ou rezadeira é o cuidado e a lida com as entidades de um filho de santo, especialmente os caboclos que carregam. Essas entidades possuem uma centralidade na vida dos praticantes e participam diretamente dos acontecimentos mais importantes, criando um tipo de vínculo singular, decisivo e indispensável. Neste texto, percorro a história de Maria com o intuito de tornar mais densa e detalhada essas diversas vinculações ao longo dos anos, das quais participam os caboclos, a fim de observar, sobretudo, como a produção de vínculos aciona dimensões do cuidado por meio de diversas transformações e negociações. Ao final, apresento um episódio recente que permite tanto expandir a discussão quanto lançar a história da praticante em um tempo que não é o passado.

A chegada dos caboclos

Maria teve o primeiro contato com seus caboclos quando adulta, depois de casada e já com alguns filhos nascidos. Quando criança, contudo, acompanhava sua mãe nos Pejis, na *época dos Carurus*, e costumava se esconder nas saias ou atrás das pessoas no momento em que algum caboclo aproximava-se dela: “*quando vinham para perto, eu me escorava e corria, pensa que eu tinha medo!*”. Além de recordar o medo que sentia, sentimento bastante comum nas crianças durante as festas, a infância de Maria revela um traço importante do Peji. Isto é, grande parte dos toques acontece em torno dos Carurus de Cosme e Damião, obrigações que as crianças e adolescentes participam ativamente em grande número, e se algumas delas podem desenvolver sentimentos como o medo dos caboclos, outras criam grandes expectativas com a chance de comer o Caruru *na mesa*, além de se fartarem de doces e refrigerantes. Seja como for, são numerosas festas e repletas de crianças, uma vez que são elas mesmas uma parte fundamental para que a obrigação aconteça da melhor forma possível⁵. Acompanhadas dos pais ou mesmo sozinhas, as crianças na Caatinga do Moura costumam percorrer e frequentar diversos Carurus e, dessa maneira, entram em contato também com os caboclos, suas danças e seus movimentos.

5 O desejo dos caboclos *Cosme, Damião, Crispim, Crispiniano* é que seu Caruru seja oferecido a sete ou catorze crianças. Mas assim como existem Carurus onde os lugares da *mesa* são extremamente disputados, atribuídos preferencialmente às crianças mais novas, existem Carurus que podem faltar crianças para completar o número ideal, o que se *ajeita* com a participação de adolescentes. Essas situações se relacionam com as reações mais comuns das crianças, o medo e a expectativa que contribuem para os arranjos e desarranjos das *mesas* de Caruru.

Como outras crianças, Maria participava desses importantes percursos, que são precisamente chamados de “*época dos Carurus*”. Entretanto, a primeira vez que *encaboclou* aconteceu muitos anos depois. Ela estava deitada amamentando um de seus filhos quando ouviu *as pancadas do tambor, saltou* por cima do marido, que estava na frente, e dançou a noite inteira enquanto ouvia essas pancadas de toque. A essa altura, ela ainda morava com sua família na casa de sua mãe, que pensando se tratar de *coisas ruins* no corpo da filha, *rezava e passava alho* tentando afugentar o espírito sem sucesso. Quem *chegou* primeiro foi Sultão das Matas e, como ela pontuou, “*foi daí em diante que tudo começou*”. Deu-se, então, o início de uma relação cheia de nuances com as entidades que a acompanham, porque o *começo* para os caboclos é também a possibilidade de *começo* para outros espíritos se *encaixarem*, que podem se *disfarçar* e ocupar o espaço que começava a ser aberto pelos caboclos – não à toa a confusão que fez sua mãe à primeira vez. Foi assim que, depois que seus filhos atingiram certa idade e autonomia, Maria começou a beber exageradamente, sob a influência de *forças e espíritos ruins* que a perseguiam. Frequentava os bares mesmo com o sol no céu, todos os dias sem falhar nenhum, e como tinha repulsa de se aproximar até mesmo de sua mãe, as duas se afastaram definitivamente. Nas ruas, repetiam-se episódios onde sofria arremessos, fortes empurrões, chegando a ser lançada para debaixo da ponte da Caatinga em uma ocasião em que o rio estava sem água alguma, mas ainda assim salvou-se sem nenhum ferimento grave.

A primeira *defesa* que tinha contra essas forças que atrapalhavam sua vida era justamente os seus caboclos. Além de Sultão das Matas, o caboclo *Índio foi chegando* e Maria, acordada e em casa, tinha visões com essa entidade *jogando flechas* a todo momento. No começo ela sentia, novamente, o medo⁶; mas com o tempo percebeu que ele a protegia, com suas flechadas, contra uma enorme cabeça sem corpo e com olhos grandes: “*quando ela vinha para perto de mim, o Índio flechava e me jogava para trás dele, me defendia, sempre.*” O terceiro caboclo que *chegou* foi *São Sebastião*, também *flecheiro*, que *prenderam* por um longo período e só recentemente ela pôde voltar a *sambar* com ele. Esse primeiro conjunto que se revelou para Maria, considerado *do mato*, é composto por caboclos bravos e corajosos, que costumam assumir esse importante vínculo de proteção e *defesa* na vida da pessoa que os carrega. De todo modo, ainda que eles guardem semelhanças importantes e possam ser acionados em conjunto, essas entidades não se confundem umas com as outras e a chegada de um caboclo pode ser melhor compreendida como um processo de adição de cuidados e

6 O *medo* dos caboclos, tão comum nas crianças e até em adultos, não é necessariamente repulsivo, nem causa o afastamento definitivo da religião; ao contrário, costuma operar como indicativo das pessoas que de fato *têm caboclo*. Assim, aqueles que mais temem os caboclos se veem, no futuro, totalmente vinculados a eles. Nesse sentido, diante da presença dos caboclos, o *medo* parece indicar ao menos duas percepções: a iminência do pertencimento àquele universo religioso e a potencial indefinição daquela força, que pode ser tanto um caboclo quanto um *espírito ruim*. Como no caso de Maria, à medida que se aceita a *chegada* e o cuidado de seus caboclos, o medo cede espaço à vinculação, uma vez que o praticante passa também a distinguir melhor a qualidade das forças presentes.

vínculos, o que ressoa com o próprio modo de composição do Peji, como descrito no início. Em seguida isso ficará mais claro, mas já é possível entrever que cada caboclo traz suas marcas e características para a vida de um praticante, além de *chegar* com sua maneira de *defender* ou de *brincar*.

Com a *defesa* de todos esses caboclos e das rezas e cuidados de Seu Amanso, Maria foi encontrando certa tranquilidade em sua vida e em sua casa, até que os caboclos exigiram que ela lhes *desse sangue* e cumprisse outras obrigações. Em 2002, conseguiu dar sua primeira *matança* para os caboclos, fazendo seu trabalho com Dona Eleni e tornando-se sua primeira filha de santo, acontecimento que ela considera o maior presente que recebeu na vida. Finalmente pôde agradar o desejo de seus caboclos, oferecendo sete Carurus nos anos que se seguiram, assim como procedeu ao trabalho de limpeza que afastou, por fim, as *forças ruins* que a perseguiram. O sucesso da relação de cuidado entre Maria e Dona Eleni deriva de uma longa amizade familiar da mesma maneira que é fruto da vinculação positiva entre a mãe de santo e as entidades de sua filha de santo. Antes de detalhar melhor os vínculos (e as suas repercussões) entre Maria e seus caboclos, seria pertinente lembrar que o cuidado da mãe de santo é também o cuidado com os caboclos dos praticantes, ou seja, é necessário que essas entidades aceitem se vincular àquela casa e que respeitem a figura e as decisões da mãe de santo, especialmente quando se trata de caboclos bravos e arredios, como o Sultão das Matas e o Índio de Maria. Esses caboclos são temidos e respeitados pelas pessoas que o conhecem e quando *chegam no salão* em um dia de festa costumam esvaziá-lo rapidamente, amedrontando muitas pessoas presentes. A maioria já conhece as características singulares de cada caboclo e sabe como lidar diante da presença deles. O Sultão das Matas de Maria *dança com uma perna só* e é reconhecido pelo seu forte *esturro*, um grito alto e animalesco que afugenta as pessoas ao seu redor.

Contam que *esse Sultão*, por sua força, “*quer mandar no salão*” e para isso fica na porta da frente controlando, ao lado de Dona Eleni, a entrada e a saída das pessoas, das forças e das entidades: “*ele é ousado, bate de frente com minha madrinha, o bicho é bruto demais*”, Maria me disse. Ainda assim, a única pessoa capaz de lidar com a *ousadia* e *braveza* de Sultão das Matas é Dona Eleni. Existem momentos em que ele se encontra tão *valente* a ponto de *enfrentar* a mãe de santo, que responde da mesma maneira, “*é cada cabeçada, igual a carneiro, ela faz assim e ele vai também, ela bate na testa dele e ele em cima*”, outro filho de santo me relatou. Esses confrontos duram até que o caboclo se acalme e volte novamente a tomar conta do salão, ao lado de Dona Eleni. Desse modo, o vínculo do caboclo com a mãe de santo, que começa obviamente quando ele *chega* pela primeira vez na sua casa e faz seus pedidos para ser cuidado ali, atualiza-se constantemente no cotidiano das práticas e, especialmente, das festas em que eles *dançam* e *brincam*. Em certo sentido,

é preciso que haja uma correspondência de forças entre a entidade e a mãe de santo de modo que, ao mesmo tempo em que eles (literalmente) se *enfrentem*, eles possam ficar lado a lado no salão⁷.

Maria conta no dedo as pessoas que, hoje, Sultão das Matas *respeita* a ponto de não ser muito *ousado*. Além de Dona Eleni e sua filha de sangue Evânia, ela menciona apenas seu marido e Rubinho, o filho de santo mais novo da casa por quem também guarda uma grande amizade. Essas preferências, que se tornam explícitas quando os caboclos *chegam*, ressoam em todas suas relações cotidianas, uma vez que as singularidades das suas entidades podem se confundir com suas próprias características. Basta lembrar que os *caboclos do mato* que dominam sua *aldeia* são conhecidos, como vimos, por sua *braveza*, *valentia*, *ousadia*, atributos semelhantes àqueles da personalidade de Maria e à maneira como ela produz suas relações pessoais. Constantemente, seus amigos reforçavam para mim que é “*difícil Maria bater com a fuça de alguém*”, sendo até “*ousada a ponto de não dar bom dia para qualquer um*”, ou ainda, de tão “*brava e cara fechada, as pessoas aqui têm medo de chegar perto, às vezes*”.

A correspondência entre os *jeitos* da praticante e de suas entidades, contudo, não implica uma relação de causa e efeito, em que a praticante já guardava as mesmas características da entidade, como se só lhe faltasse a expressão de sua subjetividade. Como já alertou Miriam Rabelo ao acompanhar trajetórias no candomblé de Salvador, “o problema com este tipo de análise é que ela parte de uma concepção achatada de tempo” (Rabelo 2014: 174) e, portanto, se acompanhamos uma história de vida podemos observar melhor as nuances dessa relação. Certa vez, Maria me disse quando comentávamos esse assunto recorrente: “*os índios bravos são assim, não é todo mundo que eles gostam, não é todo mundo que eles querem perto de mim. Agora, eu mesma sou desse jeito, com o tempo eles me botaram do jeito deles. Não é todo mundo que eu gosto da cara, se eu não gostar, já era.*”. Assim, fica evidente que os caboclos de Maria, ao longo do tempo, oferecem a ela a possibilidade de atualizar seu *jeito* a partir de forças que são comuns às entidades e acredito que essa atualização pode ser melhor compreendida se retomamos a ideia de *defesa*: em uma dada trajetória de vida, a relação de transformação que está em jogo entre uma praticante e seus caboclos possibilita mais uma forma de *defesa*, no caso, convertida nessa espécie de sensibilidade que permite de antemão evitar relações potencialmente negativas. Maria passa a conjugar um *jeito* que ainda não era o seu e que a permite diferenciar, a priori, os bons dos maus encontros; e mais: ao fazê-lo, toma essas características para si a ponto de ser, como vimos, confundida com elas por seus

7 Existe uma divisão no Peji da Caatinga do Moura, comum em algumas religiões de matriz africana como no Jarê (Banaggia 2013: 308), entre os espíritos da esquerda e da direita, entre o *lado* dos caboclos e o *lado* dos *encantados de rua*, dos *exus* ou dos *escravos*. Mas como bem desenvolveu Edgar Barbosa Neto, “o *lado* pode variar internamente” (2012: 19), conforme cada casa de santo. No nosso caso, pode-se dizer que o Sultão das Matas de Maria escolhe estar ao lado de Dona Eleni porque, em certo sentido, ambos trabalham no mesmo *lado*, no cuidado da porta, na defesa contra os *espíritos ruins* ou contra feitiços e outras coisas que podem ser feitas por meio das entidades da *esquerda*.

amigos, muitas vezes a despeito do *jeito* de seus caboclos. Ou seja, na atualização do seu *jeito*, desestabiliza-se a distância temporal entre o que é dado e o que é feito, entre o que é seu e o que é das entidades, e apaga-se, assim, qualquer relação de causa e efeito⁸.

Encaboclar

Acompanhamos o percurso de vida de Maria porque ele pode evidenciar uma temporalidade que está para além do ritual público ou mesmo da incorporação como um ato momentâneo e passageiro. Nesse sentido, a discussão acima fornece uma chave para compreendermos melhor uma ação fundamental no Peji, isto é, o *encaboclar*, expressão que é frequentemente conjugada como verbo em suas muitas variações. Diz-se que alguém está *encaboclado* ou pergunta-se se alguém *encaboclou* no momento da incorporação e a expressão marca o encontro entre o caboclo e o corpo da praticante (seu *cavalo*) naquele dado momento. Mas, como vimos no caso de Maria, a expressão pode marcar também o início do vínculo entre entidade e pessoa, ou seja, ao *encaboclar* pela primeira vez sela-se um vínculo que é considerado, muitas vezes, inevitável. Mais do que inevitável, trata-se de um vínculo que inscreve sua consistência em uma temporalidade própria e múltipla, tanto porque essas incorporações vão se repetir continuamente, quanto porque o que está em jogo são processos de transformação e negociação. Sendo assim, somos levados a pensar que *encaboclar* contém no mínimo duas dimensões temporais importantes e que estão relacionadas: a primeira e mais óbvia diz respeito à incorporação e aos efeitos momentâneos sobre o corpo da praticante⁹, que como vimos, inauguram e reafirmam vínculos ao longo da vida; a segunda induz a um tempo mais duradouro, e diz respeito às transformações e constantes negociações entre pessoa e entidade. Dito isso, poderíamos imaginar que a conquista de um novo *jeito*, advindo da relação entre Maria e seus caboclos, compõe essa outra dimensão temporal que comporta o *encaboclar*.

Sendo assim, a própria ideia de *encaboclar* pode oferecer um eixo temporal denso em que não há nem descontinuidade nem pura causalidade entre aquela primeira vez que Maria *encaboclou* com Sultão das Matas e a transformação posterior de seu *jeito*: tudo se passa como se o vínculo

8 Se trouxermos as importantes discussões entre o dado e o feito nas religiões de matriz africana (Goldman 2009; 2012) pode-se compreender que o que chamo de ‘transformação’ contém as ideias de ‘confirmação’ e ‘atualização’. Novamente, não é que a praticante já guardasse as características dos caboclos, faltando-lhe apenas expressão: o que ela, em certo sentido, já guardava eram as próprias entidades e suas forças desde que elas *chegaram*. Ou seja, apesar de que esse novo *jeito* de Maria estivesse contido nela, ele precisava ser confirmado, atualizado, produzido. Portanto, os caboclos não são simplesmente a ‘causa’ e o *jeito* os seus ‘efeitos’: tanto eles como Maria e Dona Eleni são os criadores e o *jeito*, então, criação. Trata-se da necessidade de, num trabalho de criação coletiva, fazer o que, de certo modo, já estava dado como possível.

9 Aqui é preciso fazer notar que, ainda que não tenha espaço para apresentar melhor essa ideia, a própria incorporação atua sobre o corpo e provoca efeitos sobre ele que também se inscrevem na longa duração, e não são poucos os relatos de marcas definitivas que são produzidas nesses momentos. E, claro, a transformação física momentânea (o olhar, o rosto severo, os gritos, o jeito de falar, a pisada, etc.) é tão importante e radical quanto à transformação promovida pela longa duração do vínculo entre caboclo e praticante, uma vez que ela também confere consistência à experiência de *encaboclar*.

inicial já carregasse essa possibilidade, mas o fundamental é que ela precisa ser devidamente atualizada em sua duração. Dito de outra forma, Maria nunca deixou de *encaboclar*, pois o que interessa desde o começo desse vínculo é sua duração e potência de transformação, de *defesa* e cuidado. E para que essa vinculação seja bem sucedida, claro, não é apenas Maria que se transforma ao *encaboclar*. Há um aspecto já bem conhecido na literatura que trata da ‘doutrinação’ dessas entidades¹⁰, que aprendem a se comportar ao longo do tempo, intermediados pela atuação das mães e pais de santo, além da própria praticante. Nesse caso, vimos rapidamente que por meio de Dona Eleni os caboclos de Maria foram e continuam aprendendo a se comportar mais calmamente no salão. Ainda que permaneça *enfrentando* Sultão com dificuldade, a persistência de suas características sinaliza não o fracasso da mãe de santo, mas o tipo mesmo da relação: duradoura porque incompleta e que guarda, assim, a possibilidade e também o limite de toda transformação.

A constatação de que toda transformação contém um limite indica não só que certas diferenças permanecem ainda que entrem em processos de relação – e por isso, obviamente, *encaboclar* não tem nada a ver com se transformar em um caboclo¹¹ –, ela indica também outra dimensão fundamental da vinculação entre praticante e entidade, a saber, a negociação. Antes de qualquer coisa, seria necessário dizer que, com essa noção, não estou aludindo a nenhum utilitarismo ou manipulação. Trata-se mais de trazer o pragmatismo em que se assentam as religiões de matriz africana por meio daquilo que Marcio Goldman chamou de “lei de Herskovitz”, ou seja, o fato de que na prática “cada caso é um caso” e, portanto, a própria estrutura dessas religiões se baseia sobre rearranjos pragmáticos (Goldman 2012: 273). Nesse sentido, é preciso negociar com os caboclos a todo tempo e não somente porque suas obrigações, como os *Carurus* ou *arroz de leite*, costumam ser anuais e dispendiosas. Ocorre também que os *jeitos* se parecem mas também se diferenciam e Maria, por exemplo, gosta muito de fumar enquanto o seu Sultão das Matas *não suporta cigarro de ninguém*. Quando ele vê alguém fumando na festa, ele tira o cigarro da boca e

10 O trabalho de Mariam Rabelo traz inúmeros relatos sobre a ‘doutrinação’ dos caboclos nas casas de santo, ressaltando que essa ‘doutrinação’ nada tem a ver com “a conversão do selvagem ao civilizado” (Rabelo 2014: 121). Contudo, o mais interessante é que a autora traz a dinâmica, muito próxima no nosso caso, na qual não apenas os caboclos são doutrinados, mas também aqueles que com eles convivem, uma vez que “os caboclos são mestres em educar, não apenas através de castigos como também pelo uso da palavra” (Rabelo 2014: 116).

11 Tornar-se efetivamente um caboclo é uma possibilidade reservada apenas aos mortos e encantados, como é o caso da maioria dessas entidades que já viveram um dia em terra. Além disso, é muito comum no Peji que os caboclos tenham o nome de santos católicos, mas geralmente sem a deferência católica, caso que acontece ao menos para São Cosme e São Damião, São Crispim e São Crispiniano, Santa Bárbara, São Sebastião; o que evidentemente não significa que as pessoas recebem os santos católicos, mas que esses caboclos guardam alguma relação com as forças e as características dos santos. Nesse sentido, é quase como se os santos também ‘encaboclassem’, se transformando: guardando algumas características próprias e assumindo outras. Mas no, caso dos santos, essa transformação opera adicionando e criando outro estatuto ontológico, que prolifera e convive com o próprio estatuto de ‘santo’. Ou seja, os santos continuam sendo santos ainda que possam ser, também, muitos caboclos. Desse modo, eu diria que o Peji trata de ‘encaboclar’, em vários níveis, com diferenças significativas: os praticantes que recebem, os mortos, os santos católicos e até mesmo os orixás. Essa discussão ressoa com o processo similar descrito para o Jarê, na Chapada Diamantina, região próxima de Jacobina, chamado de ‘caboclarização’ dos espíritos (Banaggia 2013: 304).

apaga com o pé e, portanto, ele só permite que outros caboclos fumem. Além disso, ele já exigiu inúmeras vezes que Maria largasse definitivamente o vício, ameaçando *quebrar com ela de novo*. Enquanto fuma e relembra do aviso de seu caboclo, Maria ri e diz “*fique calmo Sultão, eu já lhe dou tanta coisa que você quer...*”

O entendimento de que os caboclos às vezes *exigem demais* compõe a possibilidade sempre aberta de negociação ao longo do tempo, uma vez que as demandas de ambos os lados podem demorar mais do que o previsto. Sultão das Matas há muito tempo que pede um Caruru *cozido e oferecido no mato*, com a *matança de carneiro* e todo feito em panelas, pratos e copos de barro. Maria ainda não atendeu a solicitação, primeiro porque lhe faltam os recursos suficientes e, depois, porque ainda aguarda Sultão lhe atender em um pedido que ela também considera crucial. O atual esposo de Maria, Peba, é querido pelos seus caboclos, pois sempre foi compreensivo com suas obrigações e restrições definidas por eles e, ainda que não frequente os Pejjs, levava-a até a casa de Dona Eleni nos dias de festas e Carurus. Ela sempre diz que Peba “*já entende e, por isso, eles gostam dele*”. Mas a relação amistosa entre eles não foi suficiente para manter o marido próximo, já que nos últimos anos Peba resolveu se afastar de casa e passou a conviver com outra mulher. A crise no matrimônio é atribuída a um trabalho feito pela outra companheira de Peba contra Maria, que contando com a *defesa* dos seus caboclos se livrou de ser atingida, mas seu marido foi *tirado a pulso, com coisa feita*, como Dona Eleni já a alertou.

Maria brinca, por sua vez, que os caboclos impedem que ela consiga outro casamento, já que eles “*não gostam de qualquer macho, ai de mim! Até botar pra matar uns aos outros eles botam, mas outro homem não chega perto de mim. Pode vir pelado como for que eles dizem: suma!*”. A única saída, então, é a volta definitiva de Peba para casa, intermediada pelas forças dos caboclos: “*Eu quero a ajuda, por que senão como eu vou poder dar? No mesmo ano que ele trouxer meu marido de volta, eu faço esse trabalho no mato. Se não me dá o que eu mais quero na minha vida, como vou dar para ele o que ele mais quer?*”. Existe, portanto, uma maneira de negociar as demandas de modo que não se desobedeça o tempo das entidades: ao lançar mão de um pedido tão fundamental, Maria não desobedece a sua obrigação e o pedido de Sultão, ela apenas coloca em jogo um outro pedido tão vital para ela quanto é o Caruru no mato para Sultão e, assim, os relaciona temporalmente. Ou seja, não há dúvidas de que o trabalho será feito e, portanto, de que Peba voltará para casa, só o que não se pode saber é qual dos dois acontecerá primeiro, uma vez que a negociação ainda está em curso.

As situações descritas acima, através das funções de transformação e de negociação que envolvem os vínculos entre praticante e entidades, repercutem também em dimensões do cuidado e da *defesa*, compondo uma rede de atuação que participam diretamente praticante, caboclos e mãe de santo. A história de vida de Maria revela o caráter e a multiplicidade de vinculações que são

produzidas entre uma praticante do Peji e suas entidades, no caso, notadamente os *caboclos do mato*. Esses seres agenciam diversas conexões, favorecendo algumas e recusando outras, mas participando ativamente das dinâmicas do cuidado que envolvem o percurso de uma pessoa: seja escolhendo uma mãe de santo que trabalhe do seu *lado*, seja filtrando as relações de amizade, de vizinhança e até os matrimônios. O cuidado em um mundo onde *forças ruins* estão bem distribuídas exige, portanto, a *defesa* certa das *flechadas* dos caboclos. Por outro lado, eles também impõem suas obrigações devidas. Além de seus Carurus, eles querem que Maria *dê passagem* sempre que possível, para que possam *brincar* e *sambar* à vontade no salão, pelo menos uma vez no ano. Quando os Pejís de Dona Eleni são suspensos pela morte de algum parente ou vizinho, como aconteceu em setembro do ano passado, a solução é buscar um toque na casa de outra curadora, aproveitando ainda a *época dos Carurus*. Não se trata de uma situação ideal, porque ela está cheia de riscos. Ainda assim, é sempre melhor tentar negociar com os caboclos e *dar passagem* se eles estão pedindo, pois, como diz Sultão das Matas, “*quando cavalo quer mandar muito na gente, a gente quebra o cavalo*”.

Peji, os caboclos e as fronteiras

O Caruru de São Cosme e Damião de Dona Eleni é oferecido no dia 17 de setembro. Sem dúvidas, é a sua festa mais aguardada no ano, quando ela chega a receber mais de duzentas pessoas em sua casa. Por essa razão, o Peji que se segue ao Caruru é também o mais animado e invade a madrugada adentro. Nesse dia do ano de 2019, a obrigação de montar a *mesa* e oferecer o Caruru para as catorze crianças e todos visitantes foi mantida, porém, Dona Eleni, *por respeito* à família do compadre e vizinho falecido, não *abriu o terreiro* para os caboclos *sambarem*. Os seus filhos de santo mais participativos, Maria e Rubinho, lamentavam o cancelamento do toque, “*ah essa Caatinga, danada para morrer o povo nos dias dos Pejís*”. Desde fevereiro, quando acontece a festa de Iemanjá, eles estavam sem uma *brincadeira* para os caboclos. Então, passaram a articular com outras pessoas a presença no Peji de dona Cotinha, que aconteceria no dia 27 de setembro. A circulação e participação em outras casas é bastante comum aos praticantes do Peji e, arriscaria dizer, é parte constitutiva de seu funcionamento, já que o número de toques por ano de cada curadora costuma ser bem reduzido. Contudo, uma vez que um praticante e suas entidades se vinculam a uma mãe de santo, como o caso de Maria e Rubinho, essa circulação tende a ser mais controlada, operando por algumas regras. Como não havia dado o toque no dia de seu Caruru, Dona Eleni autorizou que os seus dois filhos de santo fossem até o Peji de Dona Cotinha. Entretanto, fez ressalvas quanto à *força* da curadora, que ela acreditava não ser capaz de *segurar o terreiro* da maneira correta, dando chance para *porcarias entrarem*. E mais, duvidando da habilidade de

Cotinha em *enfrentar* os caboclos de Maria, pediu para que evitasse ao máximo *dar passagem*, só mesmo se fosse inevitável.

O dia 27 de setembro começa agitado na Caatinga do Moura. O movimento nas casas é intenso para a preparação dos Carurus e, nas ruas, paira um sentimento de festa e euforia, já que diversas famílias oferecem a São Cosme e São Damião o Caruru nesse dia tão aguardado. Os primeiros grupos de crianças e adolescentes se formam por volta do meio dia para percorrer as casas que começam a servir ainda cedo e seguem guiados pelo som dos fogos: “*escute! Esse é na casa de dona Rosa! Já vai dar!*”. E tomam rapidamente aquela direção, porque as filas costumam ser disputadas. Inveja mesmo fazem as crianças pequenas que comem nas *mesas* antes de todos. Alguns grupos passam o dia todo em percurso, disputando quem come a maior quantidade, desde o meio dia até de noite. Os melhores Carurus são conhecidos pelos moradores e é possível notar as casas mais cheias com os cômodos abarrotados de gente, compartilhando da comida e do calor em um lugar onde *o sol também é morador*. Para um número menor de pessoas, todo esse percurso vai terminar em uma casa onde, além do Caruru, tenha um *Pejizinho*. O grupo que acompanhei com Rubinho foi se recompondo e incorporando todos aqueles que queriam, ainda, ir para algum *samba*, o Peji de dona Cotinha. Além de Maria e Rubinho, somaram-se Rosália, Conceição, Tita e Magno, um *batedor* respeitado na Caatinga; e, ainda, quatro adolescentes amigos de Rubinho interessados em conhecer um Peji.

Dona Cotinha *abre seu terreiro* apenas uma vez ao ano e, ao contrário de Dona Eleni, ela não possui um *salão* exclusivo para os toques. A sala, que tem porta para a rua, foi totalmente esvaziada para o toque, restando apenas alguns quadros com retratos antigos nas paredes. A maioria das pessoas se junta no pequeno cômodo e acompanham os tambores com palmas fortes e ajudam a cantar as cantigas *tiradas* pelos caboclos, enquanto outras acompanham do lado de fora pelas janelas e porta. Logo que se formou a roda e começaram a *sambar*,¹² o caboclo Boiadeiro de Rosália *chegou e tirou* suas primeiras cantigas. Por ser um caboclo já *batizado*, ele, então, ficou responsável por *cuidar* do Peji, ou seja, *vigiando* a porta e as pessoas que se sentem mal, *puxando* outros caboclos, *enfrentando* as forças *pesadas* que também se aproximam. Uma vez que um caboclo passa a *cuidar* da festa, a mãe ou o pai de santo praticamente perdem domínio sobre o rumo do Peji, ainda que as entidades, em último caso, respeitem suas ordens. O mais comum é que os próprios caboclos dessas lideranças religiosas *cuidem* do salão. Contudo, devido ao tempo de duração de um toque, que costuma atravessar a madrugada, essa função exaustiva pode ser alternada.

12 A princípio, qualquer pessoa presente com uma roupa adequada (saias longas e rendadas no caso das mulheres e calças para os homens) pode participar da roda e dançar ainda que não esteja *encabocladada*. O que não significa que só essas pessoas recebem caboclos. O mais comum é aqueles que assistem parados ou batendo palmas e cantando as cantigas receberem abruptamente essas entidades e caírem girando no chão até o centro da roda.

Em um Peji, os caboclos que estão dançando fazem de tudo para *derrubar* os participantes e para isso aproximam-se com abraços e cumprimentos demorados e giram insistentemente as pessoas em volta do próprio eixo, até que algum caboclo *chegue*. *Derrubar é fazer alguém dançar com seu caboclo*, mas a expressão indica tanto a queda ao chão quanto a perda de controle e agência que sucede ao momento inicial da incorporação. Complementa-se a essas ações a ajuda dos tocadores que, conhecendo as cantigas preferidas dos caboclos de cada praticante, cantam-nas repetidas vezes e de modo mais acelerado quando percebem que os caboclos estão próximos. Quanto mais pessoas *derrubam* e mais caboclos *brincam*, mais animado e prazeroso tende a ser o Peji. Por ser um objetivo comum aos caboclos, participantes e tocadores, a ação de *derrubar* promove uma espécie de clima de disputas e desafios no salão que fazia parecer contraditória a presença de Maria, a quem Dona Eleni recomendou não *dar passagem* aos seus caboclos. Mas, novamente, nessa necessária articulação entre a vontade da praticante (e, no caso, também de sua mãe de santo) e a vontade dos caboclos que parece se sustentar, em grande parte, a dinâmica do Peji.

Maria sabia que seria difícil *segurar* Sultão das Matas, mas confiava que isso seria possível dizendo sempre que “*não trouxe nem a saia vermelha dele pra já evitar, ele diz que não samba sem ela, então não vai sambar hoje!*”. Mas ao longo da festa, o Boiadeiro de Rosália não hesitou em tentar *derrubar* Maria, que fechava os olhos e tonteava diante de suas aproximações, mas parecendo que ia *cair*, *beirava* para fora do salão e fumava um cigarro para afastá-lo. Ao mesmo tempo, Magno no tambor *tirava* as cantigas preferidas de Sultão e ela dançava zonga, parecendo que ia cair finalmente. Entretanto, quando simulava uma queda definitiva, ela se erguia novamente. Foi quando a própria Rosália, já sem o seu Boiadeiro, abraçou Maria e cantou mais uma cantiga de Sultão. Sem essa ação surtir efeito, Maria então tentou inverter a situação e *tirou* em reposta uma cantiga para derrubar Rosália, que logo foi para o chão novamente. Elas guardam certa rivalidade nesses Pejís e, ao final da festa, Maria me disse que “*ela tenta derrubar, mas ela sabe que não aguenta. Ela não aguenta um esturro de Sultão. Essa cantiga foi ele que me deu na hora para derrubar ela!*”. Assim, com habilidade e contando até com a ajuda dos próprios caboclos, Maria contornava as tentativas de ser *derrubada* e tudo parecia indicar que ela realmente seguraria Sultão das Matas dessa vez.

Quando a festa já parecia se encaminhar para o fim, Rubinho encostou em Maria e começou a dançar abraçado com ela. Magno, no tambor, assim que notou a tentativa de Rubinho entoou novamente a cantiga preferida de Sultão das Matas. Maria, dessa vez, se ajoelhou ainda abraçada ao seu irmão de santo, que também ficou de joelhos com ela. Então, essa cena congelou-se por um tempo no centro do salão e todos aguardavam com expectativa, finalmente, a *chegada* do caboclo. De repente, Maria devolveu outra cantiga a Magno, que a tocou imediatamente. Mas quem *caiu* e logo deu um forte *esturro* foi Rubinho – a esta altura, já *encaboclado* com Sultão das Matas. Maria, muito emocionada, reconheceu em seu irmão o seu caboclo, que levantou e lhe abraçou com toda

força, erguendo-a do chão. Em seguida, deu-lhe um *passé*, promovendo a limpeza necessária ao seu *carnal*. E ainda, claro, *sambou* um pouco: com uma perna só e a sua pisada forte, tirou suas três cantigas e depois se encaminhou até o quarto dos santos para *susponder*.

O episódio acima talvez possa evidenciar melhor que um espaço próprio aos caboclos também está em questão. Não me refiro somente ao terreiro, ao Peji e aos corpos dos praticantes que em uma festa são ocupados intensamente por essas entidades. Penso, sobretudo, na fronteira que habitam esses seres, esta que é vivida como um espaço transitório e que é mantida para ser atravessada¹³. Esses seres conhecem tão bem as fronteiras que separam os mundos, os *lados*, as pessoas e seus corpos, que tanto podem guardar e cuidar delas, como também atravessá-las, favorecendo, por vezes, encontros inesperados e criando novos vínculos. Mas o Peji de Dona Cotinha traz cenas que, além de apresentarem outras questões, retomam boa parte daquelas já levantadas ao longo do texto. A dificuldade de Maria em não desobedecer às recomendações de sua mãe de santo e, ao mesmo tempo, não desagradar o seu caboclo foi, de certa forma, resolvida de maneira surpreendente. Após muita resistência, ela conseguiu evitar a sua própria incorporação, “*dando passagem para Rubinho receber Sultão*”, como me contou depois.

A possibilidade de outra pessoa incorporar caboclos que não são os seus está dada no Peji, embora não seja tão frequente. Geralmente essas situações ocorrem quando as próprias pessoas que carregam as entidades não podem ou não querem trabalhar com elas, como no caso das entidades de alguns dos filhos de Maria que ela costuma *dar passagem* quando pode, uma vez que eles não cuidam delas por conta própria. Mas mais do que isso, essas situações envolvem necessariamente um tipo de vinculação entre as pessoas que costuma ser muito forte (como é a relação entre mãe e filhos, por exemplo). Nesses casos, o que está em jogo é a possibilidade que uma mãe tem de *pegar o carregado* do filho, evitando com que os caboclos *judiem* deles ao cobrar o descuido deliberado. Rubinho e Maria, como já dito, possuem uma relação de amizade muito antiga e, além do mais, se consideram bons irmãos de santo. Contudo, o mais surpreendente na *chegada* de Sultão das Matas, a ponto de emocionar Maria, parece ser que essa chegada não é apenas um resultado da proximidade prévia entre eles: a sua potência reside na criação de um novo tipo de vínculo, que participam os dois e, agora, também Sultão das Matas. E, ainda, a força desse novo vínculo está na possibilidade de mais um cuidado e *defesa*: não à toa, a primeira coisa que fez o caboclo foi dar uma *passé* em Maria, que ela tanto queria como precisava. Então, talvez pudéssemos sugerir que essa capacidade de transitar diferentes corpos e espaços esteja também, em parte, relacionada com

13 Aproximo-me aqui das ideias de Antônio Bispo dos Santos ao falar do modo como os grupos contracoloniais (sobretudo, as populações indígenas, negras e quilombolas) sabem e conseguem habitar as fronteiras para rompê-las e atravessá-las quando necessário (Santos 2019: 28-29). Nesse sentido, os caboclos parecem compartilhar dessa mesma sabedoria e força.

um dos principais *trabalhos* atribuídos aos caboclos, isto é, a produção de cuidados daqueles que com eles se vinculam e se transformam.

Tobie Nathan e Isabelle Stengers observam que, enquanto práticas terapêuticas ocidentais como a medicina e a psicanálise operam quase sempre acoplando e confundindo sintoma e paciente, por outro lado, muitas terapias de cura não ocidentais – especialmente aquelas desenvolvidas a partir da África – operam vinculando pessoa e problema ao mundo, seja ele familiar, comunitário ou invisível (Nathan e Stengers 2018: 69-73). Nesse sentido, pôde-se notar que as práticas do Peji tratam do controle mas também da criação e da proliferação de vínculos ao enfrentar um problema. Como vimos, o ponto crítico na história de vida de Maria é justamente quando ela está às voltas com o alcoolismo e perde todos os vínculos com a comunidade, os próprios filhos e até sua mãe. Mas é nesse mesmo período que os seus caboclos começam a *chegar*, até que ela encontra Seu Amanso e depois Dona Eleni, compondo uma rede de cuidados que, finalmente, lhe proporcionou certa melhora, quando voltou a se relacionar bem com os seus mais próximos. Além disso, essa rede guarda sua dinâmica e está sempre se atualizando, pois, se por um lado ela funciona evitando certas aproximações consideradas perigosas ou ruins, por outro lado ela se realiza adicionando vínculos e cuidados, por vezes inesperados. O protagonismo que alguns caboclos assumem ao agenciar essas vinculações revela a sua força em transitar as fronteiras e, assim, deixam claro que diante do invisível nunca se está sozinho.

Bibliografia:

BANAGGIA, Gabriel. As forças do Jarê. Movimento e criatividade na religião de matriz africana da Chapada Diamantina. Rio de Janeiro: UFRJ (Tese de Doutorado);

BARBOSA NETO, Edgar Rodrigues. 2012. *A Máquina do Mundo: Variações Sobre o Politeísmo em Coletivos Afro-Brasileiros*. Rio de Janeiro: UFRJ (Tese de Doutorado);

BRAZEAL, Brian. 2007. *Blood, Money and Fame: Nago Magic in the Bahian Backlands*. Chicago: The University of Chicago (Tese de Doutorado);

GOLDMAN, Marcio. 2009. *Histórias, Devires e Fetiches das Religiões Afro-Brasileiras: Ensaio de Simetrização Antropológica*. *Análise social*, XLIV (190): 105-137;

_____. 2012. *O Dom e a Iniciação Revisitados: o Dado e o Feito em Religiões de Matriz Africana no Brasil*. *Mana: Estudos de Antropologia Social*, 18 (2): 1-20;

NATHAN, Tobie e STENGERS, Isabelle. 2018. *Doctors and Healers*. Cambridge: Polity Press;

RABELO, Miriam. 2014. Modos de cuidado: dimensões da vida e da convivência no candomblé. Salvador: Edufba;

SANTOS, Antônio Bispo dos. 2015. Colonização, Quilombos: modos e significações. Brasília: INCTI, UnB, INCT, CNPq, MCTI.